

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.

Amaveis leitoras : tem-se ultimamente fabricado novas sedas, taes como :

O *moiré Victoria*, magnifico estofa, se compõe de uma listra lisa e de outra marmoreada, especie de sarapintado, condizendo com o campo da fazenda.

O *pekin peruviano*, tecido assás semelhante ao precedente, com a differença que a listra marmoreada é substituida por uma imitação de plumas.

O *pekin grinalda*, tiras lisas de cores differentes ; uma clara, outra carregada, separadas por grinaldas de flores de matiz.

O *pekin Seydnam*, sempre grandes listrados cortados, no sentido do seu comprimento, por uma sorte de galão campo pardo, carregado de estreitas varinhas pretas.

O *cadeia elegante*, composto de listras direitas alternado com uma listra em cadeia, formando grandes auneis quadrados e graduados na largura.

O *vestido Andalus*, tundo liso com tres folhos iguaes, bordado *Pompadeur* com ornatos de ramos, com rodapé de bicos, ou arcada ; corpinho, mangas e abas, guarnecidos de um pequeno ornato analogo.

Emfim, o *vestido peruviano*, differente do *pekin peruviano*, em que o desenho pluma acha-se

só nos folhos, os quaes são, além disso, enriquecidos de pequenas franjas tecidas na fazenda.

É uma bella novidade o *mantelete-coquette*, cujo corpo em nobreza preta, é coberto de uma dupla ordem de quadrilhado de floco, superando uma cadeia de margariças bordadas com abertos no meio, e seguida de um pequeno desfiado ou franjado. Em baixo um grande folho em pregas em casulo, carregadas de um quadrilhado semelhante, por debaixo do qual desabrochão tres ordens de margaridas ou outras flores semelhantes ás precedentes, igualmente acompanhadas de um franjado. Este folho é cortado por diante na altura da cintura, de maneira a deixar passar o braço. As costas formão coração em cima.

Citemos ainda o *mantelete Jaguarita*, encantadora novidade de uma particular ligeireza, e que se compõe simplesmente de uma rede quadrilhada, cujas malhas são ornadas com pequenos topes de seda ; a parte baixa é enriquecida de dous franjados Argelinos recabiudo um sobre o outro.

Nada de novo quanto aos chapéus : o tecido aloes conserva a voga que conquistou desde a sua appareição.

A rouparia de linho continua a se distinguir pela sua riqueza. Fazem-se lindas mangas compostas de dous entufados, sobremontando uma

elegante bordadura de medalhões, orlada de uma mui linda valencianna.

O collarinho correspondente, é igualmente composto de uma ordem de medalhões bordados com abertos no centro, e orlado de uma rica valencianna. Em torno do pescoço uma pequena valencianna de bicos.

Uma novidade inteiramente encantadora, e da qual as nossas leitoras terão certamente o primor, é a vasquinha *Jenny-Bell*, em mousselina clara, de peitilho formado de quatro fôfos separados por outros tantos entremeios de mousselina bordada. A frente cortada quadradamente, é encaixilhada por um entremeio de-mousselina bordada e orlada de uma valencianna. Os lados são ornados de uma herilha composta de um fôfo, de um entremeio bordado e de uma valencianna, a qual por detraz desce abaixo até á cintura, e fôrma abas por diante. Atraz, na altura da cintura, um lindo laço de fita com pontas fluctuantes. Não precisamos dizer que uma fita semelhante passa por dentro de todos os fôfos. A vasquinha mui alta, é formada de um fôfo en-
gastado entre duas tiras bordadas com valenciannas na extremidade.

Esta vestimenta, destinada a um *toilette* de espectáculo ou de jantar de cerimonia, é de uma elegancia e de um gosto de que se não pôde dar idéa. A manga é a *la page*, isto é, dependendo apenas algumas linhas do hombro e fendida de maneira a fluctuar atraz do cotovelo. O alto da fenda é marcado por um pequeno fôfo de fita. A orla que lembra o motivo do corpinho e da vasquinha, compõe-se de um pequeno fôfo, de dous entremeios, e na extremidade de valenciannas.

Quem erra deve confessal-o : escapou-nos no nosso numero passado um *lapsus calami* ; attribuímos á *muelosinê* de Legrand, virtudes que pertencem ao seu *vinagre adzatico*. O vinagre adzatico exerce sobre a pelle uma acção benéfica, ao passo que a *muelosina* favorece a conservação e o estado dos cabellos. Nossas leitoras, que sem duvida devem conhecer por experiencia as propriedades diversas destes narcoticos, terão facilmente reconhecido o nosso engano ; mas isso não nos tira do dever de o reparar, e de dar a César o que a César pertence.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE SAHIR. — Chapéo de palha belga fina, ornado de fitas de veludo : a parte interior é guarnecida de blonde, tendo de um lado laços de veludo e do outro flores campestres.

Vestido em barege, fazenda lisa, com folhos enfeitados cujo desenho consiste em uma larga listra cortada de quadrilongos verde claro, verde escuro e branco sobrementados de filetes assentados dos dous verdes. Os folhos tem um franjado das mesmas cores.

O corpinho, a *la Vierge*, é cortado quadradamente, pouco decotado atraz e muito por diante ; a cintura é redonda, e ligeiramente espartilhada adiante.

Dois guarnições subpostas guarnecem o corpinho, que é franzido dos lados, e vem morrer pouco a pouco na cintura atraz e adiante.

A manga, muito larga, compõe-se de um grande balão (forrado de filô para sustentalo) apertado no punho e de um folho que cabe sobre um entufado de mousselina branca.

A saia mui ampla e formando cauda é coberta

por cinco folhos dos quaes o primeiro é cosido á cintura.

O ciuto atado adiante é de fita tafetá de dous verdes com listras brancas ao travez : a mesma fita fôrma um laço em cada manga por baixo do balão.

Modesta de mousselina franzida sob um entremeio bordado e terminando com uma renda estreita no pescoço.

VESTUARIO DE ESTAR EM CASA. — Penteado de cabellos ; bandós chatos terminando em esteiras que se cruzão atraz da cabeça.

Vasquinha em filô guarnecida de fôfos do mesmo fitas e renda. Esta vasquinha é mui justa aberta adiante e subindo atraz.

A manga é chata em cima e acaba em sino.

Um laço de fitas prende o corpinho e uma renda, posta em folho fôrma a parte inferior da vasquinha.

Vestido de mousselina ; corpinho decotado ; saia de quatro folhos terminados em bainha e diminuindo de largura gradualmente do primeiro ao quarto.

CHRONICA DOS SALÕES.

Se esta vida se passasse sempre triste, se não houvesse um só prazer que nos despertasse da profunda melancolia em que, durante algumas horas, jazemos, seria o mundo o verdadeiro inferno onde a pobre creatura devêra receber o castigo de seus delictos.

Mas não acontece assim, minhas amaveis leitoras.

Com quanto se ouça fallar sómente nesta cidade a respeito da *cholera-morbus* ; com quanto os nossos jornaes appareçam continuamente en-
certados com especificos, e preventivos para tão



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue de Richelieu, 22



Centriste de la M^{me} Pauline Contre? C'empire et Mors de la
M^{me} Me Morain Brevets 8616 Mors de S'Veux Vent et C^{me} Corvet
sans qu'esset de la M^{me} Sophie Oudinoulin C'entriste f'orte enquis de S'vaquer Saboullée

LONDON in the ...

dit ...

horriavel mal, o povo fluminense procura affastar de sua imaginação a idéa da *bicha*, que tanto trabalho deu a certas cabeças na descoberta do genero a que pertence, e, nos salões dos theatros ou dos bailes, buscao passar momentos divertidos.

Já sabeis, minhas queridas amigas, que de-sejo *palestrar* um pouco sobre o Bail. do *Cassio Militar*, que teve logar no dia 22 do corrente.

Ou fosse porque houve nessa noite o beneficio do nosso querido Tati, e os *dilettanti* desejassem muito applaudir a *prima dona de calças*; ou porque alguns *medrosos*, não confiando no elixir do Sr. Dr. Militião, receiáram ser atacados no calor de uma valsa, pelo *judex errante*, o baile não esteve animado. Se foi por medo que houve pouca concurrencia, eu acho nisso uma *tolice*. Apesar de não entender coisa alguma de medicina, creio que uma *schottisch* é o melhor preventivo para o mal, por ser um *delicioso e agradável* sudorifico.

Eu fallo-vos com muita franqueza: não tenho medo de adoecer, porque reconheço que não são baldados os esforços da *noite de saude*; em prender a *bicha* á um *poste medico*, da qual sahira *escabridada* pela immensa quantidade de *desinfectantes, misturas, e salva vidas*, que certos *philantropicos* offerecerão á humanidade afflicta.

Como vos ia dizendo, o baile não esteve tão animado como os anteriores; mais nem assim deixou de ser honrado por moças bonitas, formosas, engraçadas e seductoras. Não é exageração o que refiro, se alguém pensar que fallo á verdade, pergunte ao illustrado redactor da — *Quinzena*, moço com quem muito sympathizo.

Ah! leitoras, — eu tenho bastante orgulho de pertencer ao *melindroso* sexo, porque, apesar de ser um pouco *feiosa*, não deixo comtudo de ter meus apaixonados.

Gosto muito quando vou á um baile ouvir de um *gamenho*, *cabide de modas*, estas palavras: — V. Ex.^a concede-me a *distincta honra* de dançar uma quadrilha? — e depois, com minhas amigas sinceras, *bisbilhoteira* a respeito do malleito das calças, dos grandes collarinhos — e das agradáveis maneiras, e *et cetera*.

Eu, n'um baile, aprecio cousinhas boas, principalmente quando estou com os meus *ataques philosophicos*.

Tomo nota dos *disfrutes dos dandys* da época; *admiro* a extravagancia do seu trajar, o bem *reitorado* dos bigodes, a *elegante* gravata com suas franjas de *guardanapo* e.... mais não disse.

Ah!... queridas leitoras, como incauta dirigi meu pensamento para o campo das divagações, deixando de vos fallar na representação da *Semiramis*, e do beneficio que o inimitavel *Thalberg* offereceu ao recolhimento de Santa Thereza, por intermedio de S. M. Imperial! Perdoai-me esta falta involuntaria; não pude circunscrever como me cumpria, os vóos do meu pensamento, e eis o motivo porque desta vez, fiz uma *viagem* á paizes que não desejava visitar.

Nada de notavel houve na representação da *Semiramis*; as Sras. Casaloui e Charton merecerão applausos pela boa execução de seus papeis; portanto passa de leve sobre esse ponto e vou

fallar de *Thalberg*.... Não; para eu dizer o que sinto a respeito desse grande artista, fora preciso que tivesse a linguagem do Céu, que fallasse como um anjo.

Todo o elogio que lhe tributar será pouco; mil corações que lhe offercesse não bastarião para recompensar seu merito.

Se nesta noite de regusio estivesseis no salão do theatro lyrico, sem querer mesmo, vossas delicadas mãos, batendo umas sobre as outras, applaudirão, tão distincto artista....

Eu não vos posso pintar com vivas cores o que se passou durante as poucas horas do concerto; minha penna não pôde descrever com entusiasmo aquillo que só é dolo sentir e não explicar....

Não devo comtudo passar em silencio a symphonia do Sr. A. M. Gambôa intitulada, *Homenagem ao Publico Fluminense*; symphonia que, quanto á mim, merece tambem louvores; porque seu autor teve muito gosto quando a compoz.

Ah!... leitoras... neste momento uma voz soa aos meus ouvidos chamando-me de *ingrata!* Nem uma linha ainda tenho, nas minhas *chronicas*, consagrado ao autor d abella quadrilha. *Sete de Setembro*.

Não tem sido esquecimento da minha parte; ha muito tempo tenho vontade de tecer merecidas grinaldas para a frente desse habil compositor de musica, mas circumstaancias, que cumpre calar, me tem prohibido.

Mas hoje cumprio esse dever justo; saudando o Sr. A. X. da Cruz Lima com todo o ardor de meu coração e pedindo-lhe que continue a offerecer ao mundo elegante quadrilhas como a *Sete de Setembro*.

O Gymnasio Dramatico continúa, e *continuará sempre*, a entreter o publico, com as bellas traducções de *comedias Francezas*.....

Não é sem motivo que a sua illustre Directoria tem assim procedido. N'uma das noites passadas sonhei que um de seus membros, semelhante a *Diogenes* que procurava com uma lanterna ao meio dia um homem, *percorrerá toda esta cidade* e não achara um só dramaturgo *Brasileiro*, e que por isso, se vira *ua dura* necessidade de lançar mão de *peças estrangeiras*.

Ha sonhos bem extravagantes!...

Eu faço justiça ao Sr. Presidente e mais socios do Gymnasio; se não se tem representado comedias *Brasileiras*, é porque *nem uma só*, até hoje, *lhe tem sido offerecida*....

Agora minhas leitoras, uma novidade de que muito haveis de gostar....

Não é um segredinho de amor, descoberto por mim em alguma caixainha de costura; não é um convite para o baile *Campestre*, que por *prevenção* cerrou as suas portas, attendendo á quadra actual *que não está para graças*; é porém sim um adeus que vos dirijo até domingo; o *ponto final* da minha *chronica dos salões*. Mas antes de fazer o *ponto final*, permitti que vos peça desculpa por não vos dizer nada a respeito da festa da Cruz dos Militares, de uma festa que houve na Estrella e donde *cheguei* ha dias muito cansada, da proxima viagem que alguns patuscas pretendem fazer no *Balão Aerostatico* que está exposto

ao publico na Guarda Velha, mediante uma retribuição, já se sabe, porque de graça nada se faz nesta terra; todas estas ommissões de chro-

nista, eu vol-o prometto, serão reparadas. Adeos, até domingo.

Alina.

A PROMESSA CUMPRIDA,



O SONHO REALISADO.

POR JOSÉFON.

PRIMEIRA PARTE.

Milner ist aller tügende hort.
W. von VAGELWEIDE.

CAPITULO I.

A PARTIDA.

I.

— Adelina, meu anjo, adeus !...

Dizia, em soluços, um mancebo á uma donzella, que unida ao seu peito, e, com uma de suas mosinbas, tapando-lhe a boca, retorquia-lhe :

— Ah ! não, não partas, Henrique !...

Henrique era um mancebo de, quando muito, 17 annos de idade; de estatura regular; cabellos pretos e anelados; rosto expressivo e de um gracioso moreno; olhos pretos e rasgados, mui vivos e ardentes; boca bem feita, ligeiramente sombreado pela penugem do buço, que já lhe despontava.

Adelina era uma bella menina de 14 á 15 annos; seus cabellos negros, melhor fazião sobressahir a candidez do seu rostinho; seus bellos olhos, cercados de uma cinta, mais purpurea que rosea, suas faces afogueadas, e sua deliciosa boquinha anhelante, bem indicavão que ameaça virgem era presa de uma dôr pungente, que lhe fazia derramar incessante pranto.

Henrique partia para longe : — sua ausencia á natava.

II.

Henrique era filho de uma familia illustre de uma das Provincias do Norte. O nome de seus avós figura, com gloria, nos annaes da guerra dos Hollandezes, e na aclamação de D. João IV.

Seu pai, velho official superior do exercito, tinha exercido os primeiros cargos, em sua Provincia; — sua avançada idade, e o premio de seu valor nas batalhas, o tinham impossibilitado de continuar a supportar as fadigas das guerras;

— e elle, feliz bastante, no inverno de sua vida, via os seus dias se lhe escoarem serenos, entre astres e desastres, rodeado de sua onerosa familia, que tambem era o seu orgulho.

Um de seus filhos, era Henrique : estudante na academia juridica de S. Paulo, partia a continuar seus estudos.

III.

Adelina era filha unica de Christovão, rico fazendeiro da mesma Provincia, e amigo devotado do pai de Henrique, que, á custa do seu sangue, o tinha livrado da pobreza, defendendo-o em uma das ultimas guerras civis, que tinham assolado aquella Provincia, contra os facciosos, que, guiados por um figadal inimigo de Christovão, o querião reduzir á penuria, destruindo seus engenhos e fazendas; — ficando em um combate, gravemente ferido o valente defensor.

Isso foi um novo e fortissimo sello lançado sobre sua antiga amisade.

Nesse anno, nasceu Henrique; e Christovão, grato a seu velho amigo, quiz ser o padrinho do seu filho.

Tres annos depois, nascia Adelina; e 'por sua vez, era o valente militar que a levava á pia.

Visitavão-se os dous amigos amiudadas vezes; e os dous meninos forão quasi que educados juntos.

Era grande a afeição que se tinham, e que á par dos annos se fortalecia e augmentava; mas, ainda não conhecião o agridade da paixão, ainda não se havia manifestado a adustão do amor.

Foi sómente em principios de 184..., que ella se manifestou.

Henrique ia fazer 16 annos, doptado de uma imaginação ardente e entusiasta, e de um talento admiravel, elle seguia para S. Paulo, a matricular-se no curso juridico.

Adelina tinha 15 annos, e era uma bellissima menina. Brindada pelo céu com grandes encantos naturaes, tinha uma alma tão pura e tão candida, como a de um anjo.

Henrique partiu : o golpe que Adelina sentiu foi extremoso ; a meiga e pudibunda menina já conhecia qual o grau de sua affeição...

Qual lindo botão de rosa ao desabrochar, seu primeiro sorrir de amor foi para Henrique.

IV.

Um anno já se tinha decorrido, depois do que deixamos dicto, nesse paragrapho.

Um navio arrossava as ancoras, e preparava-se a partir ; officiaes e marinheiros obedecião pressurosos ás ordens do chefe, e tudo se dispunha com a maior rapidez.

Sobre o tombadilho, passeiãvo conversando, o commandante e um ancião ; e amiudadas vezes seus olhares se volvião para dous jovens, que, lacrimosos, conversãvo em voz baixa.

— Adelina, consola-te, eu volto...

— Ah !... suspirava ella.

— Que tenho eu a temer, meu anjo ? dizia o mancebo com meiguice. — Não me amas tanto ? — dize, não é assim ?

— Sim, meu Henrique, eu te adoro !

E o rubor lhe subiu ás faces.

— Que temes então ?

— Não sei !... o mar... olha, como elle está bravo !...

— Deixa, meu amor ; já não embarquei o anno passado ? já não temos viajado tantas vezes por mar, e quasi sempre elle não estava assim ? E no entanto, tu não choravas !... accrescentou em terna exprobração.

— Sim, mas tu ias commigo ; e o que succedesse a um de nós succederia ao outro.

— Egoista ! disse Henrique, com voz ainda mais meiga.

O commandante e o ancião approximarão-se : — Henrique, meu filho, adeus ! disse, com lagrimas nos olhos, o hum Christovão, pois era elle, cerrando o mancebo entre seus braços.

— Adeus, meu padrinho.

A linda menina, chorando, cahiu nos braços de Henrique.

— Adeus, Adelina, adeus meu anjo ! disse este em soluços.

— Ah ! não, não partas, Henrique !...

E desmaiou.

Henrique partia á corte, e de lá seguiria a S. Paulo a continuar seus estudos : Christovão e sua filha, para gozarem por mais tempo da sua companhia, quizerão trazel-o abordo.

(Continúa.)

POESIA.

É A ALVA GUIA!... UM RISO !

E' a alva guia !... um riso !
Um riso que m'enlouqueça...
Faz com que da rochia o bardo
Pezar, martyrios esqueça...
Qu'outr'ora de amor descrendo,
Morra de amores vivendo !

O' bella estrella, que vagas
N'um céu puro, céu formoso,
Banha-lhe a fronte que scisma
Nesse viver doloroso...
Brinca, folga, da-lhe um riso,
Qu'o arrebate ao paraíso !...

Ou já, tu que podes tanto.
Muda-te em vaga ou em mar,
Desce á terrã e vem fagueira
Nos meus labios te quebrar...
Consola o peito opprimido
Dá-lhe um languido gemido...

Eu t'espero joven fada...
Do bardo apaga o desejo...
Une teu peito á seu peito
Une-lhe os labios... um beijo...
D'esses que resumem centos,
Que matão após momentos...

Joven fada se souberas
Quanto o bardo... o bardo ama...
Como o peito, que suspira,
N'um fogo ardente s'inflama...

Quantos suspiros partidos
Alta noite se desprendem...
Quantos ais... quantos gemidos
Ao soltar no ar se prendem...

Quantos soluços vagando
Partem nas azas da brisa...
E esquecidos se perdem
La do mar na face lisa...

Quantos mundos... quantas scenas
Involtas todas de dôr
Julga ver o pobre... o triste
N'um sonho de trovador...

Quanto pranto se derrama
Quando apenas s'ergue a lua...
Quando no céo encoberta
Pequena estrella fluctua...

Se souberas qual o nome
Se quebra em terno suspiro,
Quando em pallidez a lua
Chega ao meio de seu gyro...

Tu então, ó donzella ou princeza,
Ouviras do bardo o gemer
Quando a noite vagasse scismando
Buscarias do bardo o soffrer...

Não calçaras os versos sentidos,
Só nascidos do bardo p'ra ti...
Sentirias a dôr qu'elle sente,
Oh! terias bem pena de mi'...

Quando a mão já grosseira do vate
Nos teus dedos de fada tocava,
N'um aperto conyulso farias
Crer ao triste que um peito lhe amava...

Mas tu zombas... tu zombas... não crês...
Não abrigas no peito a paixão...
Escarneces do pobre, e não tens
De seu pranto de dôr compaixão...

Porém mesmo cruel eu te adoro...
Eu te adoro... qu'importa o soffrer?
Cresce n'alma o desejo e o amor,
Sinto ardente no peito bater...

Mas donzella mulher, meiga estrélla,
Joven fada, dos mares princeza,
Casta pomba, do bardo um suspiro,
P'ra que tens para o bardo fereza?

Tu não sabes formosa, que a vida
Desse bardo, que a vida pranteia,
Eútre a dôr, e suspiros, martyrios
Sempre involta de crepe vagueia?!

Tu não vês que eu soffro tanto,
Que soffro sem ter amor?
Que os meus sonhos são agouros,
Que me perseguem na dôr?
Qu'és a alva guia miulha
A guia de um trovador?

Que fôra capaz na vida
De regeitar c'ruas d'ouro?
Mil throúos e mil espadas
De guerreiro a gloria o louro?
E por ti do muudo inteiro
Deixar sorriudo o thesouro?

Oh! tu sabes... mas... desgraça!...
F'inges, cruel, não saber...
E' meu pranto um teu sorriso,
Meu tormento o teu prazer...
Emquanto gemo tu cantas
Esqueces meu padecer!...

Ama, goza e ri Uluvia! —
Que t'importa quem padece?
Olha o futuro brilhante
Que á tua vista s'offrece...
Mas lembra ao menos na vida
Esse fogo que me aquece...

Côrte, 2 de Agosto de 1855. *O pobre infeliz.*

O POBRE MATHEUS.

I.

Ha um logar, perto do jardim de Luxemburgo, na rua do Oeste, uma casa cujo numero me não lembra, mas á qual eu iria ter com os olhos fechados, posto que não tenha entrado nella ha dez annos; o seu aspecto, a sua physionomia particular estão ainda tão presentes á minha memoria como no dia em que ahi fui pela ultima vez. Ella se compõe de duas partes separadas por um pateo: os edificios não tem mais de dous andares, cousa infinitamente rara no noss Pariz, onde os homens se amontoão uns sobre os outros

como mercadorias de pouco valor, e estes dous andares têm por janellas buracos immensos fechados por grandes grades, o que deve permittir á luz do dia penetrar bem nas peças que ellas clareão, o que denuncia aos olhos menos sagazes um destino particular e bem determinado, como a de officinas para os pintores e esculptores.

Vivia-se um pouco como irmãos neste cortiço, isto é, em muito boa intelligencia apparentemente: tratavão-se por tu, fumava-se no mesmo cachimbo, corrião-se os mesmos amores, mas na verdade todos os moradores do edificio, exercendo a mesma profissão, originavão-se diaria-

mente bastantes pretextos de inveja para que se detestassem durante todo o anno.

No tempo a que remonta esta historia, a colonia estava quasi inteiramente povoada por moços; portanto estava ardente, e accommoda aos visinhos, e mais occupada em regenerar o insipido repertorio dos cargos da officina, do que em produzir chefes-d'obra. Crear chefes-d'obra não é para todos, mesmo quando apenas se tem vinte annos; mas ao menos pode-se preparar, pelo trabalho e pelo estudo, a destinos uteis e serios. E' o que pensava um semente de todos os habitantes deste cortiço destinado aos zangões este era realmente um ente tão bisarro, um tão máu camarada, um artista de *trempe* tão singular, que não admirava nada que partisse d'elle. Elle sahia pouco; trabalhava muito, não entrava nas partidas de prazer, nem nas loucas brincadeiras dos seus collegas; era um excêntrico, e tinha-se acabado por considerá-lo como um cerebro doente que se não devia contrariar em suas absurdas inclinações.

Não o chamavão senão — este pobre Matheus — e era conhecido por este nome em todo o quartelão; que partilhava, por sua conta, a opinião dos quinze Raphaelis e dos oito Phidias da rua do Oesto. A esta tal autoridade, quem ousaria duvidar da enfermidade mental do — pobre Matheus? Este pobre Matheus tinha, pois, imaginado que para tornar-se um pintor não bastava abandonar-se ao acaso da palheta, obedecer aos impulsos infelucos de uma traidora facilidade, trazer cabellos compridos, vestidos curtos, um chapéo de pelo comprido arripiado, fazer equilibrrios e fallar agria. Em seu ardór elle acreditava sinceramente que tudo isso podia ser útil em seu tempo, mas que era preciso, antes de tomar esses grandes ares e essas bellas maneiras, estudar um pouco os pintores antigos, familiarisar-se com os mestres modernos, aprender de uns e de outros todos os segredos da arte, interrogar muitas vezes a natureza, levar a intelligencia e o coração pela leitura assidua da historia e dos poetas, fazer de um trabalho constante uma necessidade, de um trabalho estudioso uma necessidade da vida, habituar-se em fim a respeitar as regras em vez de as negar para poupar-se o trabalho de se submitter a ellas.

O chapéo arripiado, os vestidos curtes e os cabellos compridos podião vir depois, mas sómente a título de accessorios, e como complemento de educação. Esperando, elle se penteava como todo o mundo, vestia-se como um pequeno caxeiro em trabalho, ou como um padre de confissão, ficava quasi sempre fechado em casa, applicado aos seus livros, a ao seu cavalete, e quasi que só sahia nos domingos e á tarde, na primavera, para ir ouvir de longe, no *boulevard de Montparnase*, a orchestra dos bailes campestres. Elle gostava da musica; e não ganhando ainda bastante dinheiro para se fazer um dos habituaes da Opera e do Conservatorio, limitava seus gosos aos fracos échos das polkas e das valsas.

Tres vezes por semana, quando a barraca abria aos estouvados das escolas os seus jardins hospitalieiros, ia elle sentar-se na visinhança, em um banco ou á borda de um fosso, e ahí, com

o joelho ou a frente entre suas mãos, sonhava, tinha extasis, aspirações, saudades, esperanças talvez, esperanças de gloria sem duvida, porque as do coração o pobre Matheus bem sabia que não devião germinar por elle. Elle era feio, seus companheiros lh'o dizião todos os dias, e o que era mais cruel, as amantes dos seus camaradas lh'o repetião sem cessar. Tinha-se habituado, e resignado á sua sorte, não sem que o seu joven coração se não revoltasse algumas vezes; não que não onvisse algumas vezes murmurar em sua alma estas vozes harmoniosas dos bellos annos, estas doces canções que convidão a amar; a vida, para elle, devia limitar-se ao trabalho e á phantasia. Quem o teria amado, a elle que era orphão, que não conheçera seu pai, e cuja mãe tinha morrido ao dar-lhe o ser.

Entretanto tinha elle achiado um amigo, um protector, um homem que tinha tido cuidado de sua infancia, e o tinha mandado para a escola, que tinha feito ensinar-lhe os primeiros principios da arte. Mas que homem singular era este protector, que sombria e taciturna personagem era este amigo! Era um dos primeiros magistrados de um Tribunal de appellação dos departamentos, amador esclarecido das artes, rico, segundo se dizia, sabio, erudito mesmo, de espirito profundamente observador, de juizo seguro e recto, mas de excessiva severidade, de humor desagradavel, e de ar taciturno que se tornára proverbial. Na cidade onde elle presidia, accusavão-o de insensibilidade de alma, quasi de crueldade, e davão-lhe a qualificação de original. Como este homem, de quem se não tinha conhecido uma fraqueza de coração, nem uma affeição, se tinha possuido de uma tão bella amizade pelo pobre Matheus, é o que ninguém explicava de um modo catheterico. Não repetiremos todas as versões que corrião a este respeito, contaremos sómente o dialogo quasi monosyllabico que teve logar entre o protector e o protegido, quando este chegou á idade de vinte annos.

O magistrado chamou um dia o joven Matheus e disse-lhe :

— Tendes 20 annos ?

— Sim, Sr. presidente, respondeu Matheus tremendo, porque sempre ficava intimidado quando se achava diante da grave personagem.

— Aos 20 annos, deverieis ser soldado.

— O Sr. presidente não quiz permittir-m'o.

— Fiz mal; nunca sereis mais que um trapalhão.

O moço abaixou a cabeça com humildade.

— Que dia é hoje ?

— Quarta-feira.

— Quantos do mez ?

— Dez de outubro.

— Arranjai a vossa mala.

— Para ir engajar-me ? perguntou o moço com um modo que podia passar por alegria.

— Não.

— E' para ir longe, Sr. presidente ?

— Sim.

— Devo levar tudo quanto me pertence, ou sómente alguma cousa para poucos dias ?

— Tudo.

— Então não voltarei mais ?

— Não.

O moço esperava alguma nova explicação, mas como não a ouvia, e como tinha medo de perguntar ainda, deu as costas, e dirigiu-se vagarosamente para a porta pela qual ia passar quando uma palavra o fez parar.

— Matheus !

— Eis-me aqui, Sr. presidente.

O magistrado tirou do bolso do seu collete um grande relógio :

— Vinte minutos para vos preparar.

Não são ainda passados 20 minutos, e o moço entrava no gabinete do magistrado, tendo na mão um pequeno embrulho onde se achava toda a sua guarda-roupa e toda a sua fortuna. O presidente estava já em trajes de viagem, e a carruagem estava prompta no pateo : puxou de novo o seu relógio, e satisfeito pela pontualidade do seu protegido :

— Bem, disse elle.

E foi a unica palavra que pronunciou antes de chegar a Pariz ; tinha-se passado meia hora em carruagem, e quatro horas em caminho de

ferro. Nada disse mais durante tres dias que passou em Pariz com o seu protegido, e apenas installou o joven artista na officina em que o achamos, na rua de Oeste, despediu-se d'elle depois de o haver recommendado todavia a um membro do Instituto, que elle conhecia.

— Que sabe o vosso protegido ? perguntou-lhe o academico.

— Nada, tinha respondido laconicamente o magistrado.

— Mas então que posso eu ensinar-lhe ?

— Tudo.

E a esta palavra, certamente lisongeira, desappareceu, ordenando por um signal ao seu protegido, que não o acompanhasse. O academico sorriu-se, e tomando amigavelmente a mão do moço que tinha vontade de chorar :

— Tranquillisai-vos, meu joven amigo, lhe disse elle com bondade, tendes um singular protector, mas não creio senão na metade do que elle me disse. Vinde vêr-me com alguns dos vossos estudos, e pensaremos em dar-vos conselhos, dos que estou certo, aproveitareis.

(Continua),

VARIEDADES.

Usos e costumes.

E' uso nas províncias mais septentrionaes da Suecia, expór, para o dia de natal, alguns feixes de trigo, não batidos em estacas lineadas no chão perto das habitações. Cada camponez cumpre religiosamente o seu dever a tal respeito. Os pobres passaros tem pois ainda alguns grãos a debicar aqui e ali e nessa estação, tão cruel sobretudo nas latitudes altas, e para elles um achado inestimavel. « E' preciso, respondem os habitantes aos estrangeiros que procurão a explicação desse costume aldeão e preciso que todas as creaturas se regosigem celebrando o anniversario do dia em que Christo desceu entre os mortaes. »

CHARADA GEOGRAPHICA.

Vim da Azia, qual remedio
Só nas Boticas entrei
E por ser hom, bem ligeiro
Por todo orbe me espalhei.

1

Redondo ou circular
(De Geometria não sei)

Só sirvo para girar

Girando te sustentei.

1

Como estou em cyclopedica !

Pois vou de musica fallar

Nesta charada, e assiu

Has de leitora me achar.

1

1

Já ouvi a gargalhada

Dada a minha presumpção.

O que faz quem está contente ?

E' p'ra dar um Cavacão !!!

1

CONCEITO.

Oh ! que charada esquesita !

Leitora quer que lhe conte ?

Junte um — U — á segunda

E terá da Azia um — Monte.



Escolastica P. de L.

Acompanha este n.º 39 uma estampa com figurinas de sahir e-de estar em casa.